

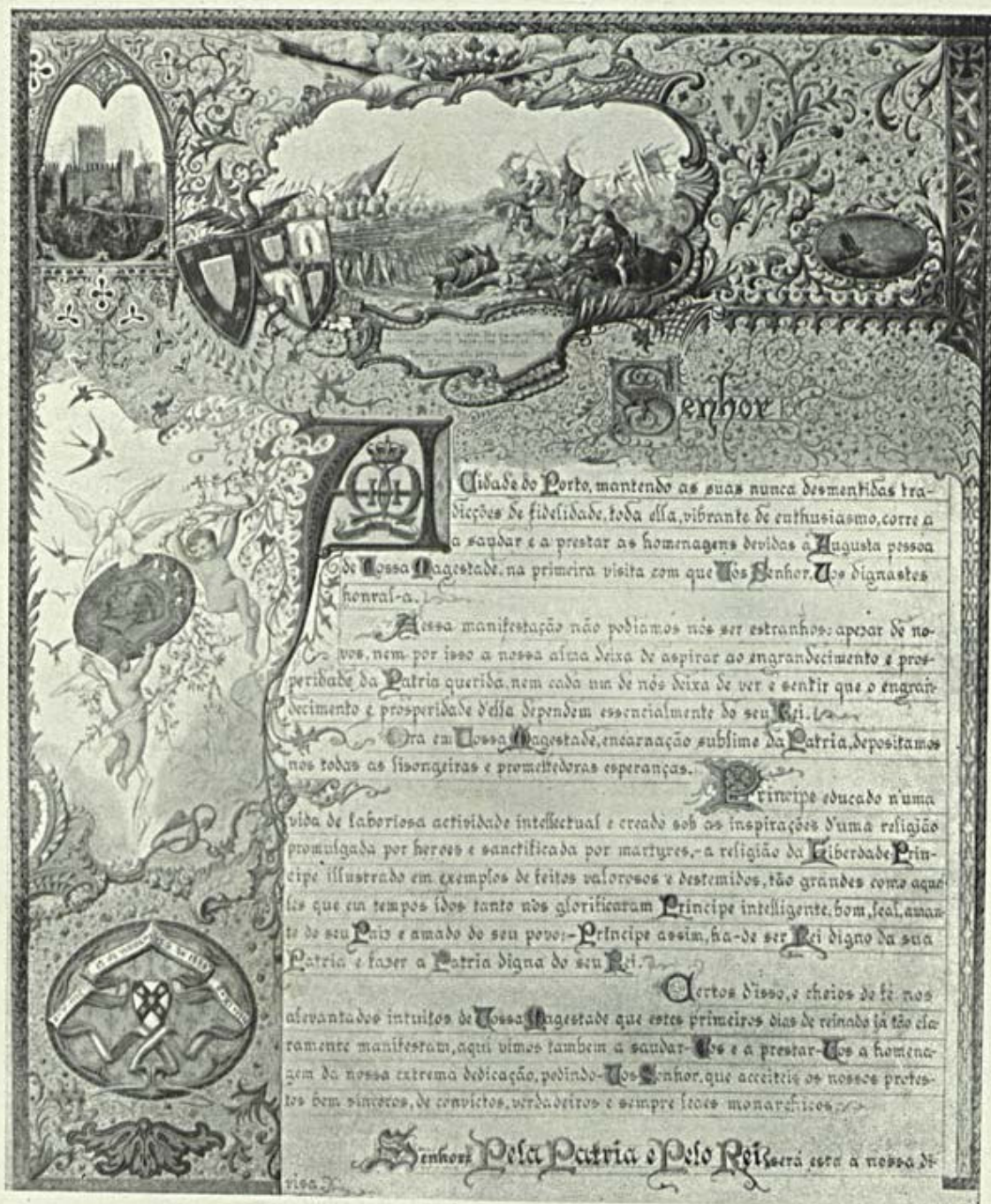
# BRASIL—PORTUGAL

16 DE DEZEMBRO DE 1908

N.º 238

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

## A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II



*Mensagem entregue a El-Rei pela mocidade monarchica do Porto, trabalho em pergaminho  
com illuminuras á penna feitas pelo Doutor José Julio Gonçalves Coelho  
(Officé da photographia Alvão).*

## O regresso d'El-Rei

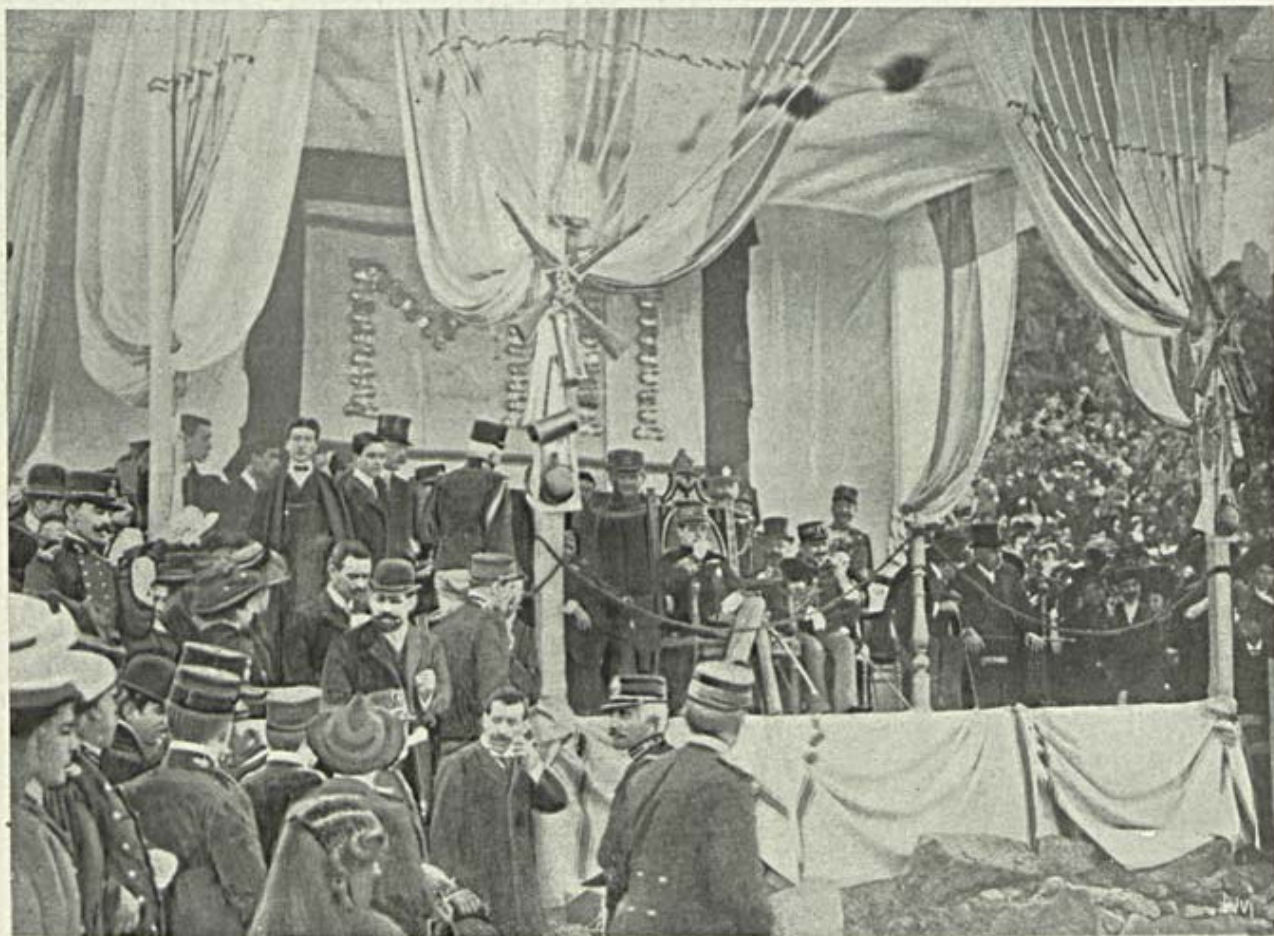
**E**stá ha alguns dias em Lisboa o rei de Portugal. E desde a capital do norte, que é a cidade por excellencia do trabalho e do heroismo, até á capital do reino, que é a residencia official do rei e da corte, não houve homenagens de que não fôsse alvo o chefe d'estado, sobre cuja cabeça de adolescente cahiram as flores dos nossos mais bellos jardins. Para elle se voltaram as mais commovidas attensões, todas as sympathias e todos os votos de felicidade se dirigiram para a sua personalidade, de subito posta em evidencia perante o mundo inteiro por uma tragedia sangrenta e pavorosa. Os insondaveis mysterios da alta politica — e não queremos dizer da alta policia, para não reproduzirmos

esta phrase que para ali andou dois dias nos jornaes — impediram a sociedade de Lisboa de tributar por forma igual ou mais ostentosa ainda o preito da sua alegria e do seu affecto ao jovem chefe d'estado.

Mas, se pela velocidade com que foi conduzido até ao seu paço, mal poudes apercber o jubilo que se lia em todos os rostos e ia traduzir-se em vivas estrondosos, vibrando em todos os labios, El-Rei teve a feliz inspiração de percorrer no dia seguinte, como um particular, as principaes ruas da cidade, e poudes então reconhecer *de visu*, quanto é estimado e querido e quanto na vespera devia ser ruidosamente saudado se se não tivesse mettido de permeio entre elle e a população a ordem policial.

Está em Lisboa El-Rei. Aconselhá-lo na tarefa ardua que o destino lhe impoz, estimular, fortalecer a sua boa vontade tão nobremente orientada, é o dever de todos aquelles que o cercam e sobretudo dos conselheiros da corôa que teem, pela constituição do Estado, a responsabilidade dos seus actos.

## A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II



No PORTO. — El-Rei assistindo ao concurso hipico

(Cliché de Joaquim Azevedo — Ampliação de A. C. Lima).



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

No PORTO. — Os premiados no concurso hipico

(Cliché do photographo Cardoso. — Porto)

Ao *Brasil-Portugal* compete saudar de todo o coração esse nobre moço, cuja sorte está ligada não só á da monarchia portugueza, mas á honra, á grandeza, e á prosperidade da patria.



## Casamento e divorcio

O divorcio, sendo vantajoso para o homem, é-o mais ainda para a mulher e para os filhos; dá á mulher a faculdade da *união legítima*; dá aos filhos existentes a situação de dignidade social e moral que aquella legitimidade determina; e livra os filhos supervenientes do prejuizo e da macula que a actual legislação lhes imprime, chamando-lhes *adulterinos*.

Pugnar em favor do divorcio é pugnar em favor do casamento.

O homem separado da sua mulher, se quizer entregar-se aos amores transitorios, tem um vasto campo de acção, onde pode manobrar sem desprestigio. O divorcio de nada lhe serve. Se quizer dedicar-se a uma só mulher, ter uma companheira no seu lar, arranja facil-



*Cliché da photographia União — Porto.*

#### **A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II.**

*No PORTO. — Sala do Club Portuense onde foi servida a ceia na noite em que foi offerecido o baile a El-Rei*

mente uma união ilegítima, e a sociedade em nada o desconsidera por isso. O divórcio também de nada lhe serve.

Mas se esse homem for uma creatura com elevação moral, se for

contrário ás uniões ilegítimas ou á libertinagem amorosa, então defende o divórcio, porque implicitamente defende o casamento.

O homem que batalha em favor do divórcio, batalha, portanto,



#### **A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II**

*No PORTO. — Chegada de El-Rei ao Campo da Regeneração onde se effectuou a parada militar*

*(Cliché de Joaquim Azevedo — Ampliação de A.C. Lima).*

principalmente em favor da mulher. Porque a mulher é que a sociedade não permite, sem desprestígio, união ilícita ou volubilidade amorosa. Pela nossa lei, a mulher separada fica desprotegida, á mercê

ou sejam catholicos fanatisados ou atheus materialistas, todos attribuem á mulher uma condição de inferioridade em relação ao homem; ao passo que os defensores do divorcio pretendem collocar a mulher



**A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II**  
No PORTO. — O desfile da Guarda Municipal depois da parada

de todas as contingencias más; e, como diz S. Jeronymo, a mulher entregue a si propria não tarda a cair na impureza.

A falta de divorcio a quem vae ferir, não é ao homem, creatura astuta que soube fazer as leis á sua imagem e semelhança, mas á

n'uma situação de equilibrio com o homem, contrabalançando-se reciprocamente as suas aptidões e virtudes.

O divorcio alarga á mulher a esphera legitima da sua existencia social, augmentando-lhe o quinhão de felicidade.



**A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II**  
No PORTO. — O desfile de Infantaria n.º 18 depois da parada

(Clichés do photographo Cardoso — Ampliações de A. C. Lima).

mulher e aos filhos. Defender o divorcio é trabalhar para a reinvindicação da equivalencia da mulher perante a lei e a sociedade.

Os que atacam o divorcio — é curioso e elucidativo este facto! —

E a prova d'esta affirmativa está no facto eloquente de serem as mulheres, nos paizes em que o divorcio existe, quem mais o reque-

Mas em volta do divórcio a mentira urdiu a sua teia.

A má fé, por parte de uns, e a ignorância, por parte de outros, espalharam a atoarda de que o divórcio permittia saltitar de casamento em casamento, como uma abelha de flor em flor. Malevola artimanha e tolissimo absurdo.

O divórcio geralmente só com provas criminaes de um conjuge



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
No Porto. — Visita de El-Rei ao quartel da Serra do Pilar

contra o outro se obtem. E' preciso um processo nos tribunaes para o conseguir.

Quem quizer vêr hypotheses bem figuradas, leia o romance de combate *Les deux vies*, de Paul e Victor Marguerite, em que os dois grandes escriptores demonstram, com intensidade dramatica, as vantagens praticas d'essa lei, sob o ponto de vista moral, e as difficuldades que, apesar da lei, encontram nos tribunaes os que pretendem divorciar-se.

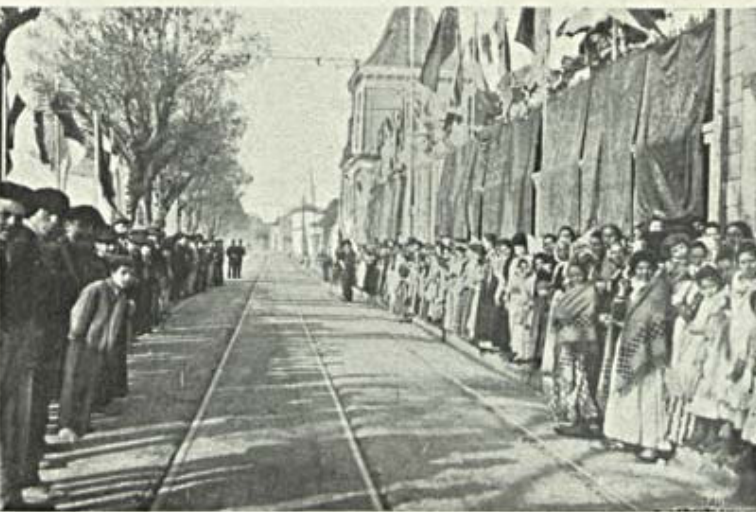
Pode a lei prestar-se a um ou outro abuso? Isso acontece com todas as leis, por melhores que sejam. Quem pretender supprimir os abusos tem previamente de supprimir as legislações e a humanidade.

Houve quem chamasse ao divórcio *polygamia legal*. Esta pertence ao numero das phrases com que a ignorancia julga poder substituir o raciocinio. Polygamia legal! Mas a polygamia é a posse simultanea de varias mulheres. Abandonar uma, pelo divórcio, para tomar outra, é querer possuir uma só, é praticar a monogamia.

A separação de pessoas e bens, essa sim, é uma lei que fomenta a polygamia, porque, não dando a faculdade de novo casamento, tambem não impõe os deveres que a união legalisada determina, tornando ao homem e á mulher mais vasto e desembaraçado o campo de manobras amorosas.

E' isto o que diz intuitivamente a mais singela reflexão e é tambem o que a pratica demonstra.

Outra atoarda espalhada entre nós é a de que o divórcio ataca a religião. E' falso e refalso.



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

No Porto. — Pessoal da fabrica de conservas de Coelho & Irmão, esperando a visita de Sua Magestade

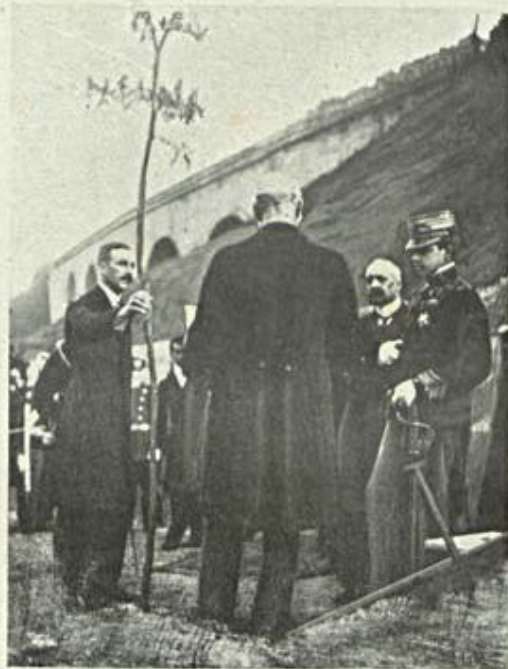
(Clichés do photographo Cardoso — Porto).

Atacar a religião de um povo, é, além de uma grosseria, uma maldade. Mas discutir um preceito religioso, com sereno criterio, não é uma impiedade: é exercer uma das mais bellas funcções do homem — a intelligencia.

Pascal foi uma das transcendentales glorias do Catholicismo. Pois diz elle nos seus *Pensamentos sobre a Religião*:

«O homem é visivelmente feito para pensar; é toda a sua dignidade e todo o seu merito.»

Os proprios Apostolos discordam uns dos outros em alguns pontos. As predicas de S. Paulo por vezes contrariam as de Jesus. E no entanto ninguem pôde vêr n'isto impiedade. Discordar do dogma da indissolubilidade, baseando a discussão, principalmente, na versão evangelica, pode ser peccado mortal aos olhos do fanatismo, o qual, como diz Alexandre Herculano, tem escripto a sua historia com lagrimas e sangue na face dos seculos; pode ser um acto digno de anathema aos olhos do sacerdote que ainda ha pouco declarava no Portugal, órgão destinado a propagar a boa doutrina catholica, que



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
Sua Magestade nos armazens de Silva & Cosens

dentro do liberal está o mação e dentro do mação está o diabo; mas nem é peccado nem é digno de anathema aos olhos dos verdadeiros christãos.

O ponto religioso que n'este livro se discute não pertence exclusivamente á politica da Igreja, a que Jesus e os Apostolos foram alheios.

A base humana do Christianismo está no Decalogo, que é tambem a base da religião de Moysés, em que Jesus foi educado e que nunca renegou. Moysés admittiu expressamente a dissolubilidade conjugal, e nem por isso o mosaismo perdeu a sua essencia divina.

«A religião judaica, diz ainda Pascal, é toda divina na sua auctoridade, na sua moral, na sua conducta, na sua doutrina, nos seus effeitos.»

Portanto, na opinião de Pascal, que a Igreja considera uma das suas mais solidas columnas, o divórcio do mosaismo é divino na sua moral e nos seus effeitos.

Foi por isso que Jesus admittiu e aconselhou o divórcio, em caso de adulterio, e que S. Paulo, o maior obreiro do Christianismo depois do seu fundador, o admittiu tambem por differença de religião.

Foi por isso que varios concilios christãos dos primeiros seculos da nossa era o estatuiram, varios papas o defenderam, alguns santos o preconisaram e praticaram.

Foi por isso que o proprio concilio de Trento definiu o dogma da indissolubilidade conjugal, não por unanimidade, mas só por maioria, tendo-se pronunciado contra elle, entre outras summidades illustres da Igreja, o nosso grande arcebispo de Braga, D. Frei Bartholomeu dos Martyres.

E foi por isso, finalmente, que o Catholicismo, apesar do dogma, mantém o divórcio, para os casos de força maior, dando-lhe a designação sophistica de *nulidade matrimonial*.

Todas estas affirmativas são largamente provadas n'este livro e por ellas ficam sabendo os que de boa fé se consideram adversarios do divórcio, que ha coisas que parecem peccados e não são peccados, como diz Santo Agostinho nas *Confissões*.

O divórcio é a errata do casamento. Quando este se

torna um carcere onde a vida em commum de duas creaturas é impossível, o divorcio é a porta salvadora que se lhes abre.

Duas almas ligadas pelo amor vivem n'um ambiente infinito de felicidade, amarradas pelo odio ou pelo desprezo, soffrem n'uma galé, sendo uma a grilheta da outra.

O divorcio evita tragedias e crimes conjugaes, infanticidios e abortamentos.

O divorcio, por ser uma lei de justiça, augmenta a felicidade humana, tornando o casamento mais digno e mais solido. Nos povos em

O divorcio virá, como todas as conquistas legitimas dos povos, ou pela evolução natural das ideias, como em quasi todos os paizes da Europa, ou de chofre, revolucionariamente, como em França, pela explosão reagentes do pensamento contra a tyrannia.

Podem retardar-o as peias da rotina e do preconceito canonico, que ha de vingar sempre a verdade que a philosophia da historia nos ensina e que se pode resumir n'esta maxima: Atrazar a evolução é adeantar a revolução.

D. ALBERTO BRAMÃO.

O livro mais util, mais educativo, mais convincente que sobre este assumpto de uma actualidade tão palpitante — o divorcio — se tem publicado entre nós, é sem duvida, o que vem firmado por D. Alberto Bramão.

N'essa prosa, castigada e correcta, sem deixar de ser elegante e moderna, o poeta deu lugar ao argumentador, o auctor de tantas e tão adoraveis phantasias lyricas, o sentimentalista puro, por completo desapareceu para deixar apenas livre o campo ao defensor, ao advogado de um alto principio social, ao propugnador emerito do que elle julga ser a solução unica para o complexo problema da familia legalmente constituída.

Sabemos bem que chegamos tarde para avolumarmos com o nosso applauso incondicional os louvores que conquistou ao apparecer em publico *O casamento e divorcio* de D. Alberto Bramão. Mas nem por isso é menos sincero o juizo que acabamos de formular sobre a utilidade d'este livro que em todas as estantes deve existir, e do qual acima publicamos um excerpto que dá a ideia de todo o seu valor.



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II  
*Esperando El-Rei na fabrica de Negrellos*

que elle existe, as dissoluções conjugaes são em menor numero do que nos paizes, como o nosso, em que só ha a separação de pessoas e bens. É uma questão de estatística.

O divorcio é uma sentinella vigilante á porta do casamento. E' a voz permanente que diz a cada um dos conjuges: *Se atraícares o teu consorte, elle abandonar-te-ha sem custo, porque eu the garanto a possivel felicidade em outro lar, dentro da lei e da honra social.*

O divorcio, portanto, é um bem. Assim o entenderam já quasi todos os povos da Europa.

Entre os nossos homens publicos, muitos ha que lhe comprehendem o alcance moralizador e benefico, mas falta-lhes a coragem de arcar com o repellente monstro do Preconceito, não se lembrando de que *aquelle que sabe fazer o bem e o não faz commette peccado*, como diz o Apostolo S. Thiago, na *Epistola Universal*.

Este facto torna mais ardua a lucta para os campeões do divorcio, visto que o grande numero dos seus adeptos não tem a corajosa energia de vir á estacada quebrar lanças contra o espirito reaccionario ou estagnado. Isto, porém, mais deve augmentar o ardor dos que combatem. Não é forte o espirito que não cresce á vista das difficuldades, como disse S. Bernardo. O triumpho ha de coroalhes o esforço, porque a palma da victoria definitiva é sempre um symbolo da suprema justiça.



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

EM SANTO THYRSO. — *Parada cyclista*

(Cliché do photographo Cardoso — Porto).

## Politica internacional

A situação no Oriente continua a ser muito obscura, parecendo que ali se prepara alguma desagradavel surpresa. E' a situação da Austria e a posição irreductivel em que esta se collocou com relação á conferencia projectada, que causa as maiores preocupações. As relações entre a Turquia e a Bulgaria tem melhorado consideravelmente, sendo de esperar que mais cedo ou mais tarde se chegue a um accordo. Por outro lado a excitação bellicosa na Servia acalmou-se bastante, para não se re-



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

*Sua Magestade em Leça da Palmeira*

cear por agora que ella provoque uma lucta á mão armada com a sua poderosa vizinha. Resta, é verdade, o Montenegro, que continúa intransigente. Mas que póde fazer este punhado de montanhezes, numericamente inferiores á população de uma cidade de terceira ou quarta ordem da Europa central, contra os incontaveis batalhões que a Austria-Hungria contra elles póde enviar?

De maneira que de momento não é para recear que as pequenas nações balticas por si sós, e contra o conselho das potencias, se atrevam a perturbar a paz. Não é portanto ali que reside o perigo. Onde elle se encontra é na attitudo da Austria, e nas relações d'esta

potencia com a Italia. Também a situação da Russia, tal como se está accentuando ultimamente, não deixa de chamar a attenção. O peor é que a Inglaterra, até agora a pedra angular do movimento de protesto contra o golpe de mão da Austria, vai talvez dentro em pouco vêr-se a braços com uma crise ministerial. A dar-se este facto, e a

viandade perde-se n'um dia a obra pacientemente realisada em trinta annos de esforços persistentes e coroados do melhor exito. A situação da Austria-Hungria nas duas provincias e em face do mundo slavo volta a ser o que era ao encerrar-se o congresso de Berlim. Os velhos odios reacendem-se. As antigas desconfianças reaparecem de novo.

Não é só fóra das fronteiras, entre os slavos do sul, que a annexação trouxe á Austria inimigos implacaveis. E' dentro do proprio imperio que a guerra se ateia entre tchêques e allemães na Bohemia, entre polacos e allemães na Gallicia. E' uma situação perigosissima, dada a composição actual da monarchia dos Hapsburgos, hoje na sua maioria povoada por slavos. Estes, com effeito, jámais perdoarão a violencia que o governo de Vienna acaba de praticar contra irmãos seus, e tudo leva a suppôr que n'esta triste aventura o imperador Francisco José, ao findar a sua vida, tenha jogado a sorte dos estados que em herança lhe coube governar. De hoje para o futuro, os tchêques e os polacos da Cisleithania vão fazer causa commum com os croatas da Transleithania e com os slovacos, slovenos, illyrios, bosnios e herzegowinos. Vão além d'isso estas populações esclavonicas, actualmente sob o dominio austro-hungaro, fraternisar com todos os slavos do sul, incluindo os proprios bulgaros, sob a protecção moral da Russia, que passará a ser a guia e a esperanza de todas as nações slavas.

Contra esta enorme massa, cuja acção dissolvente para o imperio austriaco é evidente, o que poderão os dez milhões de allemães da Austria, propriamente dita, e os oito milhões de magyares, que muito embora sejam adversarios dos slavos, mais irreconciliaveis inimigos



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

Mulheres de Vienna do Castello esperando El-Rei

(Clichê do photographo Cardoso — Porto).

não ser essa crise promptamente resolvida, é evidente que o concerto europeu ainda mais se enfraquecerá, fortalecendo-se o governo austro-hungaro, pelo contrario, no seu ponto de vista de não submeter á discussão da conferencia, caso esta venha a realisar-se, a annexação das duas provincias.

O que é fora de duvida é que o barão de Achrenthal commetteu um grave erro alterando a seu bel-prazer, e sem a annuencia dos outros signatarios do tratado de Berlim, a situação juridica da Bosnia e da Herzegowina. Quanto mais se pensa no *coup de tête* da Austria-Hungria menos se comprehende o motivo que a teria levado a desencadear toda esta tempestade, cujas consequências — as que já se vêem e as que ainda não appareceram — tão fataes lhe podem ser. As duas provincias eram de facto parte integrante do imperio. A pouco e pouco ia-as a Austria assimilando. Pôde mesmo dizer-se que até certo ponto ellas já estavam assimiladas. As potencias tinham-lhe deixado ali carta branca. A propria Turquia não se atrevia a levantar a questão da retrocessão. O tempo pelo seu lado ia cada dia tornando mais intima a união, de modo que nada faltava para que a incorporação fosse completa, não só de facto mas até de direito — senão de direito escripto, de direito consuetudinario que ainda vale mais.

De repente, porém, toda esta situação, tão imminantemente favoravel, é modificada sem se saber porque. Por uma inexplicavel le-



Salva de Prata offerecida a El-Rei pelos proprietarios da ourivesaria Marques, do Porto

são dos germanos da monarchia? E' mesmo muito provavel que na luta, que vai começar, os húngaros se unam aos slavos contra o inimigo commum e tradicional. De mais a mais a situação das diferentes nações slavas é hoje diversa da que era ha annos.

A começar pela Russia, a mudança é enorme. A catastrophe da Mandchuria teve como resultado desviar o imperio moscovita das suas fantasias do Extremo Oriente, e chamal-o de novo á missão historica de protector dos christãos dos Balkans e de suzerano moral de todas as nações slavas. Por outro lado estas ultimas adquiriram recentemente a consciencia da sua solidariedade, como o provaram na conferencia de S. Petersburgo e no congresso de Praga. N'estes termos pôde considerar-se como a supremacia inhabilidade dos estadistas austriacos o irem contribuir, com a annexação violenta da Bosnia e da Herzegowina, para apertar os laços d'esta fraternidade slava que é a maior ameaça á integridade da monarchia bi-partida.

E maior inhabilidade é ainda, depois de consummado o primeiro erro, hoje já irremediavel, persistir na attitude intransigente ou antes accentuar a provocação por meio dos preparativos militares, que como represalia não podem deixar de precipitar os acontecimentos. O que espera a Austria de uma guerra contra a Servia e contra o Montenegro e eventualmente contra a Turquia, não se percebe bem. Se ao menos ella estivesse completamente segura do apoio das suas duas alliadas officiaes! Mas esta segurança não pôde ella tê-la, pelo menos a respeito da Italia. O que ultimamente se passou no parlamento de Roma, precedido pelas demonstrações anti-austriacas, na maioria das cidades da peninsula, deve tê-la a este respeito esclarecido. A discussão sobretudo na camara italiana é sobremaneira symptomatica. A politica do governo foi, não ha duvida, ainda d'esta vez approvada. Mas a triplice-alliança foi de tal maneira tratada, mesmo pelos oradores aos quaes a posição recommendava uma discreta prudencia — como



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

El-Rei em Vienna do Castello

(Clichê do photographo Cardoso, — Porto)

Fortis —, que pôde bem dizer-se ter-lhe sido pronunciado n'esse grande debate o elogio fúnebre. Depois d'essa sessão memorável pôde aliar-se que os dias da triplice-alliança estão contados. Seria necessario um grande desprezo pela opinião publica e até pelo



*Objecto d'arte fabricado nas officinas da ourivesaria Reis, do Porto, e offerecido a Sua Magestade pelos proprietarios da mesma (Cliché da photographia Alvão — Porto).*

sentir do proprio parlamento tentar renova-la em 1909 que é quando o actual tratado termina.

De modo que com a actual excitação das massas italianas não haveria governo que podesse evitar um rompimento com a Austria, no dia em que esta potencia declarasse a guerra ás duas pequenas nações slavas — uma das quaes, o Montenegro, tão estreitamente está ligada á casa real de Saboya. Por isso mais enexplicavel ainda se torna o ardor bellico da Austria-Hungria e a mobilisação a que ella está procedendo do seu exercito. Para fins simplesmente defensivos não era ella necessaria, attenta a desproporção de forças entre a monarchia e os dois minúsculos estados que a estão ameaçando. Para um proposito offensivo não sabemos como terá passado despercebido aos estadistas de Vienna (porque é na capital da Austria propriamente dita, que toda a acção da politica exterior do imperio se concentra) a probabilidade, quasi a certeza, de uma colligação turco-servia-montenegro-italiana, que eventualmente se accrescentaria com a Russia, onde a opinião publica também não consentiria que os dois estados servios fossem esmagadas, obrigando o governo a intervir.

E' esta a situação hoje da politica europeia em presenca da crise balkanica tão inconsideradamente aberta pelo barão de Aehrenthal. E' possivel que dentro de alguns dias ou de algumas semanas o horizonte politico da Europa se aclare. No momento actual, porém, está elle bastante sombrio, e o horoscopo a tirar das suas carregadas côres não é dos mais favoraveis á causa da paz...



*O regresso de El-Rei. — A sahida da estação do Rocio (Cliché de A. C. Lima).*

O palpitante assumpto da crise balkanica tem-n'os feito esquecer o drama, que se está passando nos estados do Shah, e que, apesar de nos não interessar tão directamente, nem por isso merece ser passado em silencio.

A lucta entre nacionalistas e reaccionarios continua accesa na Persia. Os revolucionarios de Tabriz conseguiram por diferentes vezes derrotar o exercito de Mohamed Ali, vendo-se este por fim obrigado a desistir do seu intento de se apoderar por agora da capital da provincia de Azerbaidjan, e ficando os partidarios de Sata-Khan á vontade para poderem organizar o governo provisório, não só da cidade revoltada, mas mesmo de uma grande parte da provincia.

Pelo seu lado o Shah, em vez de cumprir a promessa que solememente fizera de convocar uma nova *Mejliss*, procurando assim por esta concessão desarmar a resistencia dos rebeldes do norte, seguiu o caminho opposto e mandou declarar que a Constituição ficava de vez abolida e que elle tencionava governar para o futuro como monarcha absoluto. Esta resolução é tanto mais grave quanto ella foi tomada, conforme nol-o dizem noticias de Teheran, contra os conselhos insistentes e repetidos dos ministros da Russia e da Inglaterra, que intimaram o Shah a fazer boa a palavra dada, pondo termo á anarchia, que cada vez lavra com maior intensidade no imperio, ameaçando-o no caso do actual estado de cousas continuar com a



*O Regresso de El-Rei. — O cortejo atravessando o Rocio e dando a volta para a rua do Carmo*

(Cliché de A. C. Lima).

guerra civil generalizada e com a dissolução. Mohamed Ali, porém, influenciado pelo partido reaccionario da corte, desprezou todos estes conselhos, proclamou-se monarcha absoluto, aboliu a constituição, e prepara já novas forças para combater e tentar subjugar os nacionalistas de Tabriz. Mas, como era de esperar, estes vêem as suas fileiras augmentar em numero e fortificarem-se com nova força moral. De modo que, n'esta dementada lucta contra a vontade nacional, o Shah ha-de fatalmente ser vencido. Ou é obrigado a abdicar, ou então suprimem-n'o pura e simplesmente á maneira oriental. D'uma maneira ou d'outra no entanto é um soberano liquidado.

Mas resistirá a unidade da Persia ao periodo de anarchia, que ella está atravessando e que se não sabe quanto durará ainda?

CONSIGLIERI PEDROSO.

## Os tripeiros

Geralmente, ignora-se o porquê da designação ironica de *tripeiros*, dada aos portugueses. Vejamos, pois, em que se funda tal designação:

Quando em 1415 D. João I tentou a conquista de Ceuta, foi a cidade invicta a primeira a enviar-lhe uma poderosa armada, provida de todo o necessario para a guerra e guarnecida de valentes soldados, tudo custeado pelos briosos portugueses, os quaes, para que a armada levasse abundancia de viveres, os melhores em todo o sentido, sacrificavam o seu proprio sustento, alimentando-se apenas dos miudos e entranhas do gado vaccum, alim de reservarem a melhor carne para a guarnição da referida armada.

Eis a gloriosa origem da denominação de *tripeiros*, que se dá aos dignos filhos do Porto, de cujo esforço jámais houve que exigir, por isso que elles estão sempre pelo lado do que seja preciso para manter nobremente as prerogativas do nome portuguez.

## EXPOSIÇÃO D'ARTE

no

## Salão nobre da "União," do Porto

(Continuação)

Outros esplendidos trabalhos de Teixeira Lopes e de Fernandes de Sá se exhibiram no brilhantissimo certamen intelligentemente promovido por Pinho Henriques que d'este modo teve a satisfação de ver n'elle largamente representados alguns dos nossos primeiros artistas e a alegria compensadora de terem sido coroados de tão bello exito os seus perseverantes esforços.

Teixeira Lopes expôz uma redução em bronze da sua esplendida estatua a *Caridade* que adorna um recanto do cemiterio d'Agramon-



Exposição d'arte no salão nobre da «União» do Porto

Baccho  
(Teixeira Lopes)

te, o *Retrato de Madame P. B.*, uma das mais delicadas e finas obras da exposição, o busto decorativo *Baccho*, coroado de uvas e pampas, rindo e entoando ao vinho, de taça em punho, hymnos de perenne alegria e um magnifico *Estudo de Christo* que, embora se não afaste da tradição, tem o cunho original e característico que o grande estatuário costuma imprimir aos seus trabalhos, que modela maravilhosamente com uma segurança verdadeiramente donatelliana.

D'uma distincção suprema eram tambem as restantes obras expostas por Fernandes de Sá, como uma adoravel *Cabeça de criança*, modelada com grande delicadeza, e tão cheia de graça e de frescura que era um regalo para os olhos; o *Busto do Dr. Vieira Filho*, um bronze magnifico, de factura lúrgica e segura; o *Desafio*, busto que se impõe pelo vigor expressivo da sua *allure*, pela execução macia dos contornos e pela firmeza das suas linhas d'um rigoroso desenho e finalmente o seu *Caminheiro*, marmore impregnado de suave sentimento; pois n'elle o delicado cinzel do artista fez resaltar com infinita piedade o tocante perfil d'um pobre octogenario, arrimado ao seu bordão, que percorre a custo a ultima senda d'uma longa vida, sulcada de soffrimentos e de agruras, meditando onde terminará o seu ultimo dia, onde será o logar de repouso para as suas fadigas de viageiro.

E' admiravel, d'um bello desenho, a sua veneranda cabeça, coberta de cans, que se inclina para a terra, curvada ao peso dos annos, e a sua physionomia, onde a dôr imprimiu o seu cunho indeleavel e onde ha uma suave expressão de tristeza e de resignada angustia que nos emociona, tão forte de verdade e de sinceridade é; as roupas destacam-se pela maneira sobria e vigorosa como estão tratadas e nas suas mãos magras e primorosamente modeladas parece que o sangue circula nas veias e que o marmore, de que são feitas, todo elle se anima e treme.

Um dos mais illustres discipulos do grande estatuário Teixeira

Lopes, Rodolpho Pinto do Couto, expôz um unico trabalho, mas d'uma execução tão extraordinariamente bella que prendia irresistivelmente as atenções dos visitantes, sendo com inteira justiça considerado como uma das mais admiraveis esculpturas que, no seu genero, ultimamente se tem produzido entre nós.

N'esse estudo, *Cabeça de Velho*, Pinto do Couto revela o seu culto extraordinario pela fórma e uma alta consciencia artistica, tão bella é a sua factura, d'uma rasgada simplicidade, e tão poderoso é o effeito produzido que torna o busto uma obra prima de observação e de realismo.

A mascara, de rugas esplendidas, é simplesmente admiravel, d'um vigor magnifico, parecendo que o barro palpita como se fôra carne, que os seus olhos veem e que as suas orelhas, dobradas, sob a acção do chapéu, nos devem ouvir, tão naturaes são. Justos são pois os applausos que tributamos ao auctor de tão soberbo trabalho, em que tudo é bem real e verdadeiro, incluindo o vestuario, d'um magnifico desenho e tratado com enorme maestria.

Outro artista de talento e esperançoso futuro, Julio Vaz Junior, professor da escola industrial da Figueira da Foz, e esculptor-decorador de raro merito, enviou um esboceto e dois bustos, um dos quaes, *Cabeça de Velho*, é merecedor de particular referencia, pois o artista, com grande felicidade, transmittiu ao barro toda a expressão de bonhomia e de simplicidade do seu modelo, um pobre marítimo d'aquella praia, para quem a vida decorreu sobre o mar em lucta com os elementos e que agora, sereno e tranquillo, memôra as tempestades por que passou e estende a mão á caridade, aguardando resignadamente o termo de tão longos trabalhos e miserias.

Este busto, alem de ser d'uma fidelidade perfeita, é um primôr de realisação e de simplicidade quanto á factura que é soberba e com um cunho de modernismo do mais alto grau, assim como o esboceto que o artista denominou *A Grêve*.

Na verdade esse grupo de figuras, ao de leve escorçadas, visando apenas a dar a impressão, a idéa, que preoccupou o artista ao concebê-lo, é uma representação fiel d'um d'esses movimentos d'operarios, que tanto abalam as sociedades, no momento em que os amotinados procuram resistir á força publica, arremessando-lhe pedras, sem lhes importar o choro dos filhos e as supplicas das mulheres que tentam sustel-os.

A attitude de todas as figuras é bem encontrada e a vida e expressão geral que anima tal assumpto faz lastimar que o artista se não resolveu a fazer um trabalho definitivo, fixando-o n'um fragmento de marmore, em que vibraria o seu espirito de revoltado que tanto se compraz em tratar themas de intuitos sociaes e humanos, em que figure a legião formidavel de proletarios, operarios e pescadores, como o bello esboceto que lhe conhecemos *Barcos perdidos*.

Estes esbocetos denunciam em Julio Vaz uma predilecção para os assumptos em que é exímio o grande artista belga Constantin Meunier, que esculpiu a epopeia do trabalho manual, elevando á categoria de heroes os mineiros e os operarios, parecendo impossivel a quem conhece Julio Vaz, que é um rapaz receioso, tímido e para o qual tem sempre sorriso a felicidade, que elle seja o audaz e revoltado artista que produziu a *Grêve*, e essa estranha maquette o *Naufrago da Vida* que hoje se vê no Instituto de Coimbra.

Primorosamente modelado, cheio de vida e de flagrante verdade, o baixo relevo de Antonio Alves de Sousa, outro talentoso discípulo de Teixeira Lopes, representando um pobre e velho mendigo, preso por dois policias e rodeado de populares que tentam libertal-o, assim



Exposição d'arte no salão nobre da «União» do Porto

Desafio  
(Fernandes de Sá)

como os bustos, que expôz, de Rodolpho Pinto do Couto e Alípio Leite Barbosa.

Carlos e Joaquim Meyrelles, ambos também discipulos do insigne estatuario, apresentaram o primeiro um busto do Barão do Rio Branco, trabalho d'uma execução forte e sobria, e o segundo dois soberbos baixos relevos e entre outros, um interessante busto de



Exposição d'arte no salão nobre da «União» do Porto

Caminheiro  
(Fernandes de Sá)

creança O Zéca, muito apreciável pela factura e pelo encanto da sua expressão physionomica.

Dignos de notar também os trabalhos de Oliveira Ferreira, Romão Junior e de Gonçalves da Silva que enviou ao certamen o retrato em gesso do pae do sr. Pinho e Costa, d'uma expressão muito natural e o busto do Abbade de Bomfim, de modelação correcta e bem observado no tocante à physionomia e vestuario.

(Continúa).

Antonio Julio do Valle e Sousa.



## Traz-os-Montes

Para lá do Marão, por todo o accidentado tracto de terreno, que em varias direcções corre para as provincias do norte de Hespanha, a fazer fronteira com ellas, desenha-se a nossos olhos lá das cumiadas d'esse gigante, em labyrinthico aspecto, uma serie inextricavel de montanhas, entre as quaes se cavam profundos valles.

Quiz a Natureza deixar alli erguido a mais de mil metros de altitude, como avantajado marco milliario, um mirante d'onde pudessemos, ao relancear os olhos pela enorme região, lér a pagina admiravel, que se nos está patenteando, da historia da Terra; sonhar um pouco, fantasia ao largo, com esses immensos periodos geologicos que desvairam até o homem mais fleumatico, aquelles que a frieza dos paizes septentrionaes que habitam tornou menos propensos para imaginar.

N'aquelles páramos, em que a falta de poeiras, suspensas na atmosphera, nos mostra o céu tincto do mais carregado anil; em que a

rarefação do ar começa a tornar-se sensível, obrigando os pulmões a mais intenso exercício, sentimo-nos desprendidos do planeta, por onde tinhamos arrastado a existencia, o extraordinario, o sobrenatural, empolgamos-nos, o pensamento transporta-nos irresistivelmente com azas de possante envergadura para o mundo dos sonhos e sentimo-nos a sonhar o que mil gerações já sonharam.

Chegamos a comprehender que as lendas moiriscas tivessem collocado nos altos cimões da serra de Gredos, erriçados de penedia e defendidos por neves persistentes a Plaza del Moro Almanzor; que o *nardus stricta*, herva curta e de grande resistencia, se apresentasse nos planaltos da Estrella como extenso tapete, pisado pelos pés da bella Fatima; que Muhamad Al-Hamar, rei de Granada, tivesse colhido n'uma chuva de perolas o thesouro necessario para erguer á gloria do Propheta essa preciosa Alhambra, cujas paredes nos mostram, por entre arabescos, versiculos do Alcorão, o livro sagrado; que na Schynthia dos antigos, na bella Cintra de hoje, em summa, fossem erguidas ante a immensidade do mar tenebroso, coroando altaneiro morro, as ameidas muralhas do castello poetico, que as nuvens, como véos de fadas, envolvem com amor.

No rapido conspecto julgariamos pobrissima a terra trasmontana, da qual só as nuas cumiadas se apresentam á vista, se não pensassemos na feracidade dos valles que nos escondem as dobras do terreno, incessantemente fecundados pela acção fertilisante dos nateiros, pelos espessos nevões, pelos detritos do schisto que as aguas para lá arrastam, e, ainda, pelo calor solar que n'elles se concentra a ponto de no estio nos julgarmos na zona torrida, e, só assim, podemos explicar a abundancia e o assucarado dos fructos, a riqueza da vegetação, que lembra a de outros climas, onde se não faz sentir com tão grande intensidade a aspereza dos invernos.

N'essas cumiadas, porém, sobre as quaes o arvoredo não vem lançar uma nota alegre, ha afloramentos de estimados marmores, de valiosos minerios. Ergue-se Moncorvo sobre montanhas de ferro, que se estendem do Sabor ao Douro, de um valor incalculavel e que n'um futuro proximo, pelo transporte da energia das aguas dos rios, hão de ser submettidas a intensa lavra. De estanho e de wolfram ha espalhadas pela provincia diversas e importantes minas em exploração. Apresenta-nos ainda a região de Bragança as suas minas de antimonio e ouro, de Valle da Mulher, Candedo, Valle do Ninho, Serrinha, Cabecinho do Prado, Ribeiro de Mação.

Para inferirmos da importancia d'estas minas e da sua notoriedade em tempos que lá vão basta dizer que a rainha D. Catharina,



Exposição d'arte no salão nobre da «União» do Porto

Cabeça de velho  
(Rodolpho de Couto)

regente em nome de el-rei D. Sebastião, na lei promulgada em 1557 reservava para a corôa a sua posse.

E, como se tão avultada quantidade de massas metalicas, que amanhã se podem tornar em bons minerios, não bastasse já para demonstrar a valia do repositório, que a provincia locupleta e de que ella com tão justo fundamento se envaidece, fadou-a ainda a natureza concedendo-lhe outros e bem generosos dons para inscrever no inventario mineralogico.

Os concelhos de Vimioso e de Miranda do Douro, pertencentes ao districto de Bragança, são afamados pelos marmores e alabastros

calcareos, que se desenvolvem n'uma area consideravel, notaveis pela finura do grão, pelo variegado de côres, pelo caprichoso dos venados.

D'estes materiaes, susceptiveis de receberem cuidada ornamentação, poder-se-iam ter feito bellas decorações, preciosos objectos de adorno, se alli houvesse para tal fim escola estabelecida, o desenvolvimento industrial requerendo a valorisação de que o sólo uberimo pelo monte de Ferreiros, pelo monte de Geraldés e por outros pontos, está apresentando aos olhos do visitante.

Accidentado o solo, afastada a provincia dos grandes centros, tanto do paiz, como do visinho reino, não poudé a viação accelerada ir desde o seu inicio em terra portugueza insuflar vida n'esses maninhos, trazendo á luz do dia inexploradas riquezas e fazendo apinhar os povoamentos em torno de cada centro de produção; por outro lado, os seus rios, de curso torrencial, com os caudaes engrossados pela rija invernia, nem para pequenos transportes se lhes pode des-cobrir utilidade.

Hoje, que já se faz ouvir pelos apertados desfiladeiros o silvo da locomotiva e que uma rede de caminhos de ferro de via reduzida se está a crear, apertando de futuro mais, e mais, as suas malhas, podemos ir pensando a serio no que até agora, aiada aos mais arroja-dos, se afigurava uma utopia.

A sahida dos productos para o mar ha de ser sempre difficil pela grande distancia a que se acham os principaes portos e pelas difficuldades que se apresentam para um bom traçado das linhas ferreas, resultando d'ahi grandes despesas de construcção e uma velocidade menor que a desejavel; mas a situação especial, em que a provincia se encontra sobre a costa, permite-lhe o irradiar para Portugal e para Hespanha a sua exportação, dirigindo para o Atlantico e para o Cantabrico o excedente do que esses dois paizes não possam, ou não queiram aproveitar.

O mais grosseiro d'esses jazigos calcareos collocados no meio de uma vastissima zona, que pouca, ou nenhuma, cal possui, não necessita de grande auxilio da viação accelerada para gosar de subido apreço.

Ao falar de rochas naturalmente occorre ao espirito a ideia das frescas e deliciosas aguas, que d'ellas brotam, como se alguma varinha de condão houvesse querido extrahir da agrura dos rochedos esse encanto, ora despenhando-as e fazendo com que o sol pinte a côres vivas sobre o liquido lençol o seu iris, ora lançando-as brandamente em tanques por entre a esmeralda dos mimosos musgos, para alli, sahidos dos antros da terra, irem espelhar as côres do céu e darem ao valle por ornamento mais alguma flor, se algum Narciso errante n'ellas se revêr.

L. F. MARREAS FERREIRA.



Mario de Campos

O sr. tenente do Estado maior, Mario de Campos, cujo retrato apparece hoje no *Brasil-Portugal*, acaba de dar á estampa um trabalho muito interessante e util a que deu o titulo de *Desenho Panoramico Militar*, e que tem sido muito apreciado. Esse trabalho, que trata do desenho de perspectiva nos serviços de campanha, é acompanhado de um quadro explicativo e offerece grande copia de noções praticas, precisas e claras.

O seu auctor prestou um serviço relevante com este estudo, em que compilou largos conhecimentos, e que todos os officiaes do exercito deverão conhecer.



Padre Manuel Lourenço Junior

Temos deante de nós o excellente discurso que o parcho de Castanheira de Vouga, padre Manuel Lourenço Junior, proferiu no dia 26 de setembro d'este anno, ao receber n'aquella freguezia o actual ministro da marinha, conselheiro Augusto de Castilho, director do *Brasil-Portugal*.

Acompanhado de sua esposa foi o ministro visitar a humilde freguezia immortalizada por seu venerando pae na sua prosa immortal.

Foi alli n'essa rustica e pittoresca povoação que o grande Castilho escreveu a *Noite do Castello*, traduziu as *Metamorphoses* d'Ovívio e compoz muitos dos versos mais tarde compilados nas *Excavações Poeticas*.

Foi alli que o prior Augusto de Castilho, tio do nosso director, e irmão de Antonio Feliciano — o cego vidente — pastoreou durante alguns annos o seu rebanho d'almas, sendo ao mesmo tempo os olhos e o braço do grande poeta, tambem cultor das musas elle proprio, e parcho admiravel, que segundo o seu honrado panegyrista «repartia as horas entre o recreio dos seus livros e o cumprimento das suas obrigações, destravando o tacanho cerebro de rusticos serranos e soccorrendo a indigencia que por ahi gemia n'esses alcantilados montes».

O sr. padre Manuel Lourenço Junior, cujo retrato temos o prazer de publicar n'esta columna, continua benemeritamente a obra d'aquelle que muitos annos o antecedeu na missão, que estava muito áquem dos seus talentos, mas muito em harmonia com a simplicidade e a pureza da sua alma christã. O parcho de hoje honra, pelo cumprimento sagrado do dever, a tradição do parcho de ha quasi um seculo. E, porque é intelligente e illustrado, soube, no magnifico discurso de que nos estamos occupando, conciliar toda a sua admiração pelo poeta e pelo padre que honraram com a sua presença e com a sua obra esse pedaço de torrão portuguez, com todo o seu reconhecimento pelo actual descendente de ambos que, na prosa correcta d'esse discurso, como os peregrinos vão á Terra Santa orvalhar de lagrimas os logares sanctificados por Jesus Christo, foi elle a esse presbyterio avivar recordações sentidas, cobrir de piedosos beijos os logares immortalizados pelos seus illustres ascendentes.

Nada que mais nos alegre o espirito do que prestar esta singella homenagem ao parcho modelar e ao ministro que por algumas horas se afastou das regiões do poder para penetrar nas regiões alpestres do Caramullo, e que indo expressamente evocar a saudosa memoria do seu glorioso pae mostrou que é sempre aberto a todos os sentimentos grandes o coração dos portuguezes, sem excluir... o dos ministros.

## ASSUMPTOS RELIGIOSOS



Nossa Senhora da Conceição

(Esculptura em madeira, de J. Fernandes Caldas)

*Esta imagem foi mandada fazer expressamente pelo reverendo padre Antonio Maria dos Santos, prior da Ericeira, que a offereceu ao ex.<sup>mo</sup> sr. Serrão Franco*

## O mendigo das romarias

Como é interessante no estudo dos costumes portuguezes o typo do mendigo que anda de feira em feira, de festa em festa, de romaria em romaria. Transpõe longos caminhos e faz grandes jornadas, conhece os sitios mais frequentados de forasteiros, as praias, as thermas, os mercados semanaes e mensaes; sabe, como um calendario, quaes são os dias das romagens mais concorridas e a occasião em que são veneradas as imagens de maior devoção popular. Quando vem as chuvas e os frios do inverno, aproxima-se das cidades, ou das populações mais importantes, acampa ahí para exercer o seu mister de continuamente esmolar: não ha porta que lhe resista, campainha que não toque e transeunte a que não estenda a mão!

Um pau ou cajado para arrimo, um embornal ou sacco para o hombro; uma tijella, ou marmitta, ou ainda escudella; um garfo de ferro, uma colher de pau, e a occultas a navalha, naífa de ponta e mollta: tal é o seu estojo. Manta suja, fato rôto matisado de remendos, chapéu engordurado: eis a sua toilette. Dorme no primeiro alpendre que se lhe depara, ou á sombra d'uma arvore, ou no abrigo d'alguma penedia onde o tempo abriu gruta. Assim com môço, se é côgo, ou com um cão, ou sem essa companhia jornadaei, chorando, pedindo e fazendo plangentes clamôres á beira dos caminhos, ou porta das habitações.

Encobrem aquelles andrajos as chagas da verdadeira miseria: occultam os golpes com que tão impiedosamente a fortuna adversa vem ferir o homem no combate da vida? Haverá n'aquelle rosto macilento o traço dos grandes soffrimentos physicos e a nota das tormentosas luctas moraes? Revelam aquelles passos incertos, aquelles cabellos em desalinho, aquellas mãos tremulas, os olhos sem brilho, os labios sem frescôr, os soluços, as lagrimas, a voz e os lamentos sem fim, as amarguras d'um naufrago que as vagas da infelicidade arremessaram em desesperado impulso de encontro á dura rocha da desgraça nas longas praias onde veem parar os destroços das grandes tempestades sociaes?

Um funesto romance veio dar sombras ao coração; a fatalidade conglobou torturas e fez resaltar espinhos na carreira da existencia a quem sonhára esperanças e só colheu o amargo dos prantos; alguma tragedia foi o nefasto desdobrar de calmos idylls na mocidade, ou alguma calamidade transformou os encantos do lar nas tristezas do desamparo e a morte golpeou implacavel o peito dos que eram familia, companhia e arrimo? Ha sombras pesadas n'aquella biographia, desesperos horribéis no martyrio constante d'aquella vida?

Eis o que interroga o nosso espirito ao calor dos generosos impulsos da nossa alma compadecida.

Mas se essas chagas são pintadas, se esses andrajos são disfarce, se esses lamentos são falsos, se esses prantos são fingidos, se essa miseria é ficticia, se esse abatimento é calculado e o esmolar é mentido; se de tantas exclamações dolorosas e afflictivas lamurias só rasalta a mendicidade por exploração, como é lamentavel que haja no mundo quem assim endureça os corações, quem faça hesitar os impulsos da caridade, quem interrompa a corrente de sympathias que parte da bondade humana, da commiseración social, da piedade christã! Como é criminoso que haja quem nos faça recordar aquelle celebre phrase de Affonso Karr — o mendigo de profissão é o maior inimigo do verdadeiro pobre!

Não havia quem se esquivasse a soccorrer o pobre, se não pai-



O mendigo das romarias

rasse na mente de muita gente a certeza de que ha falsos mendigos, ha quem explore mendigando...

E a chronica dos mendigos de profissão revelaria notas curiosissimas. O que elles veem em tantas terras por onde passam, em tantas festas a que assistem, em tantos ajuntamentos em que convivem!... E no entanto a miseria impõe-se á commiseración humana, e embora sejam amplissimos os recursos da caridade e bellamente sympathicos os mais generosos impulsos do coração, sempre haverá infelizes a soccorrer. — Vós tereis sempre pobres convosco! — Disse Jesus, a eterna bondade, quando jornadaeu no mundo.

PADRE F. J. PATRICIO.

## Introducção das batatas

Veio este precioso tuberculo da America do Sul para a Inglaterra em 1585, no reinado de Isabel. Ao principio apenas o cultivaram por simples curiosidade. No seculo xvii começaram a da-lo como alimento aos porcos. N'esse tempo os preconceitos populares obstavam a que se empregasse a batata como alimento para os homens. No seculo xviii começaram enfim a usar d'ella, como alimento, na Inglaterra, na Allemanha, na Suecia e na Hollanda.

# O bocado de pão

POR

François Coppée

(Trad. livre)

O duquezinho de Hardimont encontrava-se em Aix, na Saboia, onde a sua celebre egua Perichole, um tanto fatigada pelos excessivos trabalhos do Derby, estava recebendo uma cura de aguas. Acabava o fidalguinho o seu elegante e succulento almoço quando, ao pegar distrahidamente n'um jornal, leu a noticia do desastre de Reischoffen.

Bebeu um calice de *chartreuse*, pousou o guardanapo sobre a mesa do restaurante, mandou dizer ao seu creado de quarto que apromptasse as malas, e, d'alli a duas horas tomou o expresso para



... abaixar-se e apanhar o pão

Paris, correndo immediatamente à commissão de recrutamento onde se alistou n'um regimento de infantaria.

Por mais que se tenha levado, dos dezenove aos vinte e cinco annos, a vida de rapaz da moda, por muito que o cerebro se haja embrutecido ao contacto dos cavallos de corridas e com a permanencia nas cavallariças, apparecem de subito circumstancias em que um homem não pode esquecer o amor à sua patria. O duque ao ter conhecimento d'essa batalha perdida pelos francezes em terra franceza sentiu subir-lhe o sangue ao rosto como se o tivessem esbofetado.

Por isso no mez de novembro de 1870, Henrique de Hardimont, estava de guarda com a sua companhia, a «3.ª» do «2.º» deante do reduto fortificado á pressa, e protegido pela bateria do forte de Bicêtre.

O local era sinistro. Os soldados tinham estabelecido o seu posto n'uma taberna abandonada, á beira de uma estrada orlada de troncos despidos e profundas valletas, formando o leito covas empoçadas. Dias antes houvera alli renhido combate como o attestava o aspecto devastado e desolado da rua e da edificação.

A' porta da taberna o duque estava de sentinella com a arma ao hombro, o bonet nos olhos, as mãos, inchadas e vermelhas, mettidas, ora uma ora outra, nos bolsos das calças, mas tremendo de frio apesar dos agasalhos que trazia sob o capote.

Pensava no que pode pensar um pobre soldado depois de uma derrota e fitava os olhos no horizonte limitado pelas collinas por traz das quaes se ouvia de quando em quando um tiro de peça seguido de uma breve nuvemzinha de fumo branco.

De repente sentiu fome e abaixando-se, foi tirar do seu sacco, posto no chão junto ao muro, um bocadinho de pão que começou a comer vagarosamente, mas sem o partir, porque tinha perdido a faca.

Mas o pão era duro e soube-lhe mal. Só no dia seguinte, se a administração assim o entendesse, teriam talvez pão molle!

Lembrou-se então dos seus almoços leves do café Ingles, das omelettes com espargos, acompanhadas de finissimo vinho de Léoville velho que o creado desrolhava com a maior precaução.

Bons tempos aquellos! e mais amargo lhe pareceu ainda o misero pão do soldado.

Impaciente e nervoso atirou o bocadinho de pão para a lama.

\*.\*

No mesmo instante vio sair um soldado da taberna, abaixar-se e apanhar o pão, que ia limpando á manga, devorando-o em seguida com avidez.

O duque envergonhou-se do que tinha feito e com piedade considerou aquelle pobre diabo que dava prova de tão grande appetite. Era um rapaz alto, secco e mal feito, com olhos de febre e barba mal

cuidada, tão magro que as costellas faziam saliencia por baixo do capote coçado.

— Tens fome deveras, camarada? disse o duque, approximando-se do outro.

— E' como estás vendo, respondeu este com a bocca cheia.

— Então desculpa. Se tivesse sabido não deitava fóra o pão, dava-l'lo.

— Ora, não faz mal, não estou acostumado a cerimonia.

— Deixa-o, respondeu o fidalgo, fiz mal e bem o reconheço. Mas não quero que fiques fazendo mau juizo a meu respeito, e como tenho aqui bom cognac no meu frasco, vamos beber uma pinga juntos.

O soldado tinha acabado de comer e de companhia com o duque beberam o cognac continuando depois a conversar.

— Como te chamas? perguntou o soldado.

— Hardimont, respondeu o duque, supprimindo o titulo. E tu?

— Eu sou João-Victor. Puzeram-me agora para esta companhia quando sahi da ambulancia. Alli é que se está bem, o enfermeiro dava-nos todos os dias bellos caldos de cavallo. Mas, infelizmente, eu só tinha uma arranhadura e o medico deu-me alta. Vou recommençar a morrer de fome. Sabes, camarada, que toda a vida tenho passado fome!

Era dolorosa essa palavra, dita a um voluptuoso que com tanta saudade se recordara pouco antes dos almoços do café Ingles.

Hardimont encarou o outro com espanto, ao ver-lhe o sorriso triste que deixou apparecer uns dentes de lobo esfomeado, brancos e lisos n'aquella face terrea, como se o desgraçado comprehendesse que desejavam d'elle uma confidencia.

— Olhe, disse elle, deixando bruscamente de tratar o duque por tu — e adivinhando talvez n'elle um feliz e um rico. E' melhor passear um bocadinho para aquecer os pés. Sou engeitado e o melhor tempo da minha vida foi até aos doze annos n'um asylo onde tratavam bem os pequenos e lhe enchiam a barriga. Mas um dia puzeram-me a aprender o officio n'um empalhador de cadeiras. O patrão era bruto, bebedor e avarento. Havia mais dois aprendizes mas esses eram cegos e ao menos não viam o olhar mau da patrão quando nos dava á noite a tijella das sopas. Infelizmente já n'esse tempo eu tinha sempre appetite. Alli estive tres annos. Depois experimentei tudo e nunca comi á vontade. Apanhei côdeas de pão nos barris do lixo, esperei os meninos á sahida da escola para deitar a mão a alguns sobejos de *lunchs*. Depois fui servente de pedreiro, marçano, moço de padeiro; até que aos dezoito annos assentei praça, mas sabe que cá na tropa a comida não é demais e portanto não lhe minto dizendo que tenho sempre tido fome! Felizmente, nunca deixei de ser honrado, lembrei-me de uma boa irmã de caridade que sempre me pré-gou n'esse sentido e parecia-me sentir a mão d'ella na minha fronte e os beijos que me dava, unicas caricias tambem que tive na vida.

O duque tinha bom coração e ao ouvir aquellas palavras da bocca de um desgraçado que a farda tornava seu igual, sentiu-se profundamente commovido.

— João-Victor, disse elle, se sobrevivermos a esta medonha guerra fica certo que nunca mais terás fome. Emquanto aqui estamos, como a minha ração de pão é abundante de mais para o meu fraco estomago, partilha-a-hemos como bons camaradas.

Apertaram as mãos effusivamente e entretanto, como anoitecera, adormeceram ambos sobre a palha n'um canto da taberna.



... pousou-o sobre um banco...

A' meia noite João-Victor accordou, provavelmente com fome.

Cessara o vento, e o luar, entrando pelas janellas dismanteladas, dava em cheio na formosa cabeça do duque que dormia profundamente.

Entrou o sargento e chamou cinco homens para render as sentinellas; o duque era um d'elles, mas por mais que o chamassem, não accordava.

— Meu sargento, disse João-Victor, se dá licença vou eu em lugar d'elle. Está a dormir tão bem!

— Pois sim, disse o sargento.

Partiram. D'alli a meia hora os tiros approximaram-se rebentando subitos e sinistros na noite serena.

Todos se ergueram, os soldados sahiram da taberna.

— Mas, disse o duque, era eu que estava de sentinella esta noite? Que horas são?

— João-Victor foi no seu lugar.

N'esse momento viram chegar um soldado estafado e offegante.

— Os Prussianos atacam, vamos para o reducto.

— E os camaradas?

— Veem ahi, menos o pobre João-Victor...

— O que aconteceu? exclamou o duque.

— Apanhou uma bala na cabeça, nem deu um grito, coitado!

..

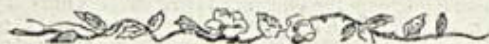
N'uma noite de inverno, passados annos o duque de Hardimont sahia do club em companhia de um seu amigo, o conde de Saulves. Apesar do gelo pareceu-lhes agradável andar um pouco a pé e tomar ar.

Mandaram embora os seus *coupés*, levantaram as gollas dos casacos e tinham dado alguns passos quando o duque fez rolar com a ponta do pé um objecto qualquer; era uma côdea de pão suja de lama.

Então com grande pasmo do seu companheiro, abaixou-se, apanhou cuidadosamente o pão, limpou-o com o seu lenço blazonado e pousou-o sobre um banco do boulevard, bem á vista, sob a incidencia de um bico de gaz.

— O que está a fazer meu caro? disse o conde, dando uma gargalhada. Parece que não está em seu juizo?

— Sabe, meu amigo, é a recordação de um pobre homem que morreu por mim, respondeu o duque, com leve tremor na voz. Não se ria, peço-lhe, e um dia, talvez lhe conte esta historia.



Xavier de Carvalho

## Canção do Outomno

Gelado céu do outomno, eternamente triste,  
Onde é que a luz se esconde? onde é que a luz existe?

A terra, a Boa Mãe, então um largo pranto  
E toda a natureza um doloroso canto.

O sol, no horizonte, o seu enorme flanco  
Tem a sinistra côr d'um grande lirio branco.

Não sei que voz cruel, ou que gemido horrivel,  
Uma blasfemia má d'um vago som terrivel,

Corta instantaneamente os céos que até as aves  
Não deixam mais ouvir suas canções suaves.

E no sonoro azul as fulgidas estrellas  
Dizem um triste adeus ás tysicas donzellas:

Virgens cheias d'amor, albrantes como opalas.  
Que aos vinte annos vão dormir dentro das vallas

O vento como um doido embriagado chora  
O sol da primavera e o refflorir do aurora,

Todo a vibrante luz que sae da madrugada  
E todas as canções da cotovia amada.

Chora o tempo passado em sonhos radiantes,  
N'essas manhãs d'abril ingenuas e brilhantes;

Chora a limpidez augusta que irradia  
As campinas em flôr, n'um banho de harmonia.

Por isso quando se ouve o grito do nordeste,  
Por cima do jasmim, por cima do cypreste,

Quando se curva a flôr e passam friamente  
Como um soluço triste as nuvens do poente,

Parece até que o vento, aquelle antigo deus,  
Combatente do ar e maestro dos céos,

Que a musica ensinou a toda a Natureza  
Traz uma grande dôr e sepulchral tristeza

Uma comprida magoa entorna-se do alto  
Alastra pelo chão, nos campos, no asphalto,

Suja a terra e salpica as almas em farrapos,  
Torna os céos n'um borrão, torna as flôres em sapos.

Amarellece em tons d'um louro esverdeado  
A robusta floresta e o verde mar sagrado;

Rembrandtisa de sombra as nuvens pelos ares  
E esburaca-as depois com formas singulares,

Pingando sobre nós um tédio escuro e forte  
Que parece conter as essencias da morte.

E por fim ejacula o agonisante adeus  
De lírios sobre a terra e d'aves pelos céos:

Magoa feita soluço e beijo feito magoa,  
Em que tudo pranteia: o homem, a flôr e a agoa.

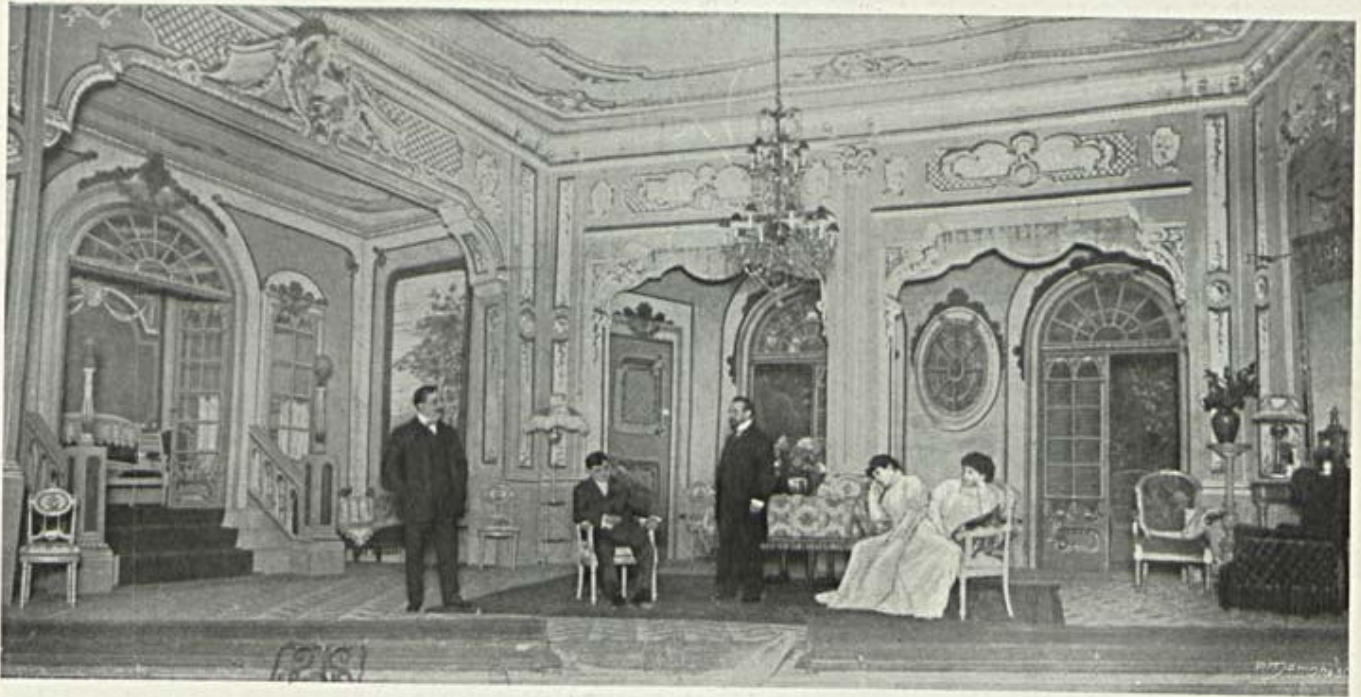
Oh, frio céu do outomno, eternamente triste,  
Onde é que a luz se esconde? onde é que a luz existe?

Xavier de Carvalho.

Do livro: *Poesia Humana* que acaba d'apparecer obtendo um grande exito.



Que delicia!...

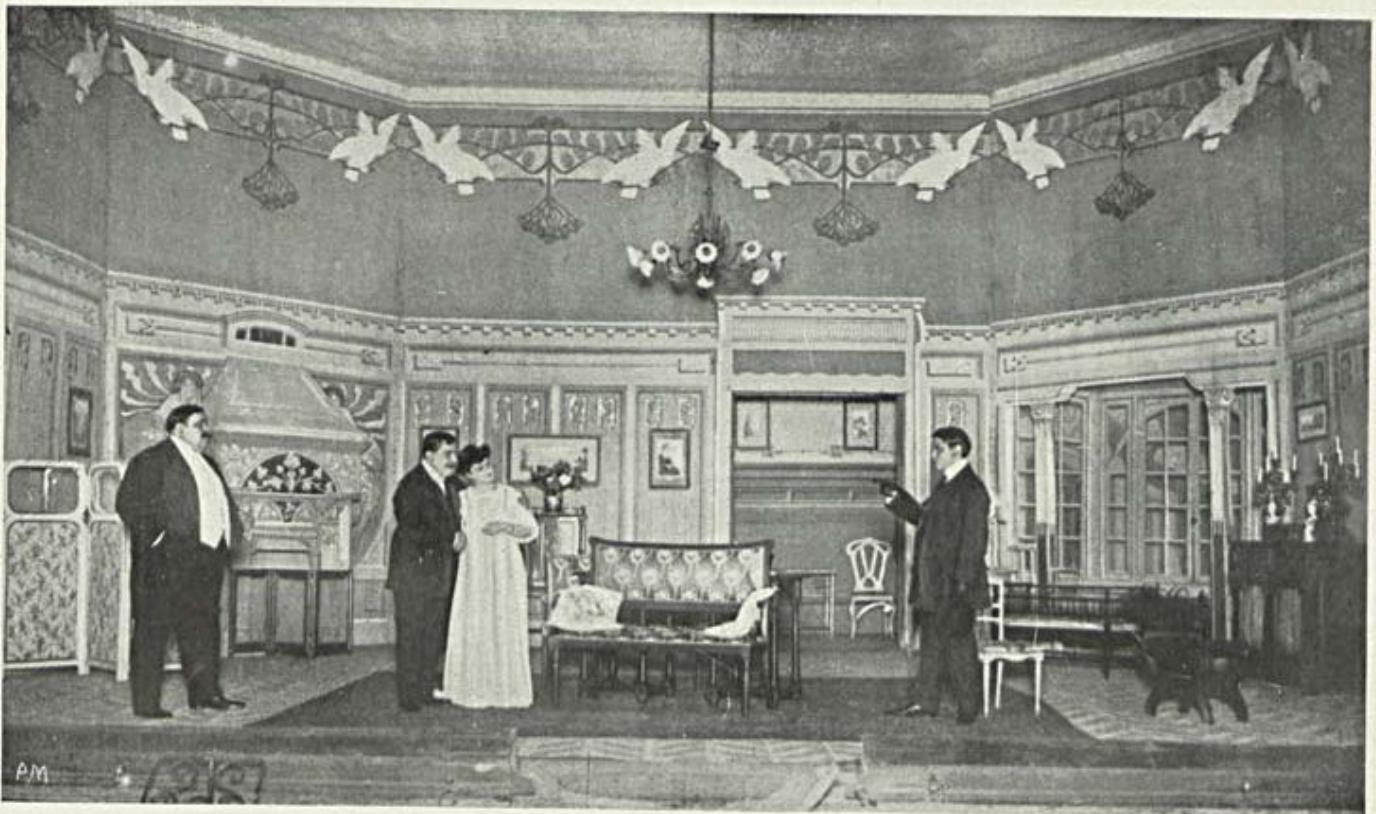
**THEATROS. — D. Amelia. — “O Ladrão”. — Ultimo acto****THEATROS***As nossas gravuras*

**N**a sua orientação, que vem de longe, de ha 10 annos, desde o primeiro dia em que appareceu em publico o *Brasil-Portugal*, continua esta Revista a consagrar ás coisas ao theatro, e especialmente do theatro portuguez, a sua mais desvelada attenção.

Entre as fórmulas de manifesta-la, de frisar o interesse que esta

poderosa ramificação da grande arte lhe merece, não tem occupado menor logar, acompanhando a critica das peças novas que se vão representando, a reproducção pela photogravura das scenas capitaes arrancadas ás peças em voga.

Ainda hoje a ellas consagra algumas paginas o *Brasil-Portugal*. Ainda hoje quatro peças applaudidas teem n'estas paginas o seu *échantillon* artistico. O *Ladrão* e *Minha mulher noiva d'outro* são, sem duvida as comedias de maior successo dos ultimos tempos tanto em Paris como em Lisboa. A ambas deu poderoso relevo o desempenho dos artistas do **D. Amelia** e a scenographia completou o *ensemble* do valor capital da obra, do primor das duas versões em lingua portugueza, e da excellencia da interpretação. De *O Ladrão*, e *Minha mulher noiva d'outro* são as scenas que em gravuras reproduzimos n'este numero e que bastam para dar ideia do esmero, do brilho, com que a empresa d'esse

**D. Amelia. — “Minha mulher noiva de outro”. — Ultimo acto**

**THEATROS. — Gymnasio. — “Os noivos de Venus”. — Último acto**

elegante theatro honra a tradição estrangeira, pondo as peças afamadas que lá fóra adquire, sem se importar com o sacrificio a fazer, com uma propriedade, com cuidado, e se é preciso, um luxo, que nada deixam a desejar, e que se não envergonhariam se fossem postos em confronto com os theatros onde appareceram e fizeram carreiras.

De *Os noivos de Venus* numerosas noites applaudidos no **Gymnasio** e o *Cacharolete*, que tem graça, e se está representando com exito na **Rua dos Condes** damos duas scenas tambem n'estas paginas, reservando-nos para no numero seguinte publicarmos outras de novas peças que n'outros theatros estão tendo voga. E para então guardamos a critica das principaes, que a abundancia de original e variedade de assumptos nos forçam a retirar d'este numero.

**Mantimentos para um anno**

*Fornecidos ao capellão do paço, Thomé Rodriguen, e seu moço, pelo almoxarife de Cintra, no tempo de D. João II.*

|                                           |       |
|-------------------------------------------|-------|
| 83 alqueires de trigo a 30 rs.....        | 28490 |
| 48 almudes de vinho a 40 rs.....          | 18920 |
| 18 arrobas de carne a 80 rs. ....         | 18440 |
| 48 pescadas a 130 rs. a duzia .....       | 520   |
| 10 covados de Bristol para se vestir..... | 28000 |
| 6 varas de Galles, idem .....             | 600   |
| Em dinheiro, a 100 rs. por mez .....      | 18200 |

Somma réis..... 108170

**Rua dos Condes. — “O Cacharolete”. — Ultimo acto**